



“A CIDADE SEM QUALIDADES”

desde um título de Robert Musil

ENSAIO TEÓRICO E ANALÍTICO SOBRE UM FRAGMENTO DE LISBOA AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO

Abstract *"The City without qualities", from the book of Robert Musil* - Theoretical and analytical essay about a fragment of the city of Lisbon

A theoretical and analytical essay from a project-oriented research work with a group of Master students concerning a fragment of the city of Lisbon in one of its principal axes – *Fontes Pereira de Melo Avenue*. A body of critical reflections on the complexity of the city to this day, as a built support of “*society’s net*” and its “*delicate and invisible wires*”, as Georg Simmel once wrote about what modern society would become. It is about the meaning of spatial Anthropology as a supporting epistemology to a conscious urban intervention, taking from the writings of Georg Simmel, Claude Lévi-Strauss, Henri Lefebvre and Marc Augé, which offer us a hermeneutic structure profoundly valid for an analytical reading of the complexity of this urban fragment in study.

This essay and investigation with this group of finalists of architecture and Master students, will also serve as a warning and a desirable awareness of a reconfiguration of the professional attitude and the praxis of the architect, through a new understanding that will shape the future of this new generation.

The beautiful paintings of the sad and lonely modern city of *Mario Sironi* illustrate it, and the metaphor of *Robert Musil* novel, “*The Man without qualities*”, complements this essay and its provocations.

Keywords Anthropology of space/ city/ understanding/ praxis

Resumo

Ensaio teórico e analítico desde um trabalho de investigação projectual com um grupo de estudantes de mestrado integrado, em torno de um fragmento da cidade de Lisboa num dos seus principais eixos - a Avenida Fontes Pereira de Melo. Um corpo de reflexões críticas sobre a complexidade da cidade aos dias de hoje, enquanto suporte edificado da “*malha da sociedade*” e dos seus “*fiões delicados e invisíveis*”, como dizia Georg Simmel sobre o que viria a ser a sociedade moderna. Sobre o sentido da Antropologia do espaço enquanto epistemologia de suporte a uma consciente intervenção urbana, desde escritos de Georg Simmel, Claude Lévi-Strauss, Henri Lefebvre e Marc Augé, que nos oferecem uma estrutura hermenéutica profundamente válida para uma leitura acertada da complexidade deste fragmento urbano em estudo.

Este trabalho/ensaio com o grupo de arquitectos finalistas e mestrandos, servirá como um alerta e uma desejável tomada de consciência para uma refiguração da postura profissional e da práxis do arquitecto, pelo um novo entendimento que moldará o devir desta nova geração.

As belas pinturas de uma cidade triste e solitária de Mário Sironi ilustram, e a metáfora ao “*Homem sem qualidades*” de Musil complementa este ensaio e as suas provocações.

Palavras chave Antropologia do espaço/ Cidade/ entendimento/ praxis

Aos dias de hoje

Este ensaio acontece ao longo de um período de trabalho de investigação projectual com um grupo de estudantes de mestrado integrado. O projecto é em torno de um fragmento da cidade de Lisboa num dos seus principais eixos - a Avenida Fontes Pereira de Melo. Enquanto responsável pela didáctica desse grupo, turma do último ano de licenciatura e a principiar a investigação para elaboração de mestrado, tomei a decisão de lançar um corpo de reflexões

críticas sobre a complexidade da cidade aos dias de hoje, enquanto suporte edificado da “malha da sociedade” e dos seus “fios delicados e invisíveis”, como dizia Georg Simmel sobre o que viria a ser a sociedade moderna (Frisby 92,p110). E é justamente da matriz do pensamento deste sociólogo da modernidade que surge a reflexão crítica que deu origem a este grupo de investigação sobre uma avenida de Lisboa, no sentido de se empreender uma pesquisa e análise sobre a complexidade antropológica na sua relação com espaço urbano, de modo a que possa servir como berço para um desenho de soluções projectuais de um estudante mais consciente da complexidade da cidade contemporânea, e que procure o seu entendimento enquanto realidade profundamente dialógica, para conseguir compor uma resposta projectual válida. Assim, deste entendimento e da sua consciência poderão nascer projectos poeticamente eficazes, que revelem um renovado pensamento sobre Lisboa contemporânea, e por isso mesmo respostas válidas e incisivas, longe de outros exercícios irresponsáveis de retóricas frugais e ao sabor do mercado, ou de soluções narcísicas de microescala, ao gosto banal muito em voga, que vão pontuando o tecido urbano sem oferecerem um qualquer pensamento sobre a cidade.

Para além disso, os estudantes têm que ensaiar uma acertada lucidez, e têm que entendê-la de um modo consciente, porque aos dias de hoje a profissão e o dever social e ético do Arquitecto está perante um dos maiores desafios de sempre. As transformações da sociedade global, acentuadas pela reconhecida “crise” são a matriz dessa inevitável (r)evolução na postura e prática profissional. Até porque se trata de muito mais do que isso: é de facto uma alteração profunda que teve início com a crise mas que prossegue no modo como se terá que repensar toda a sociedade ocidental, os seus modos de vida e composição das suas cidades, como se habitam e se preservam, numa refiguração da contemporaneidade que está em curso, onde o papel do Arquitecto como construtor de *lugares vivíveis* deverá ser determinante - assim esses Arquitectos e as suas escolas saibam entender a vitalidade do desafio e como fazer parte dele.

A dimensão social, ética e moral da Arquitectura enquanto área de conhecimento talvez nunca tenha tido tão grande importância desde a reconstrução europeia depois da grande guerra. E mesmo assim, os programas e objectivos dessa reconstrução dos anos 40 eram claros e indiscutíveis, ao contrário dos de hoje, onde o desafio passa por descobrir novos programas, reinventar objectivos e valores, e um renovado sentido para a construção dos lugares contemporâneos.

A dimensão pluridisciplinar desse trabalho é inquestionável, com a aproximação inevitável a outras áreas das ciências humanas, reaprendendo, assim, a desenhar pelos novos meandros da Sociologia Urbana, da Antropologia do Espaço, numa desvenda da complexidade dialógica das cidades actuais, que orquestram sistemas relacionais inesperados, inovadores e por isso cheios de alternativas, e que são o novo enquadramento da profissão do Arquitecto. Para estar disponível para esse novo enquadramento, o Arquitecto tem que saber afastar-se do seu entendimento mais clássico da profissão, ou deveria dizer mais fundamentalista; aquele dos ambiciosos projectos de grandes edifícios, do desenho dos especulativos parques imobiliários, ou dos sedutores museus modernos que reconfortam egos e turistas – e tantos outros programas tradicionais e ultrapassados, a tentarem impor-se em cidades de gente que parece recusar-se a entender que o urbanismo com as suas tradições hierárquicas e funcionais está decadente e a ser questionado a cada dia que passa por toda essa mesma gente que usa a cidade.

Este trabalho/ensaio com o grupo de arquitectos finalistas e mestrados, não será apenas a procura de conceitos válidos e de uma reflexão analítica sobre a cidade contemporânea e o caso de estudo deste fragmento da Avenida Fontes Pereira de Melo, mas também deverá servir como um alerta e uma desejável tomada de consciência de uma refiguração da postura profissional e da práxis do arquitecto; um novo e lúcido entendimento para o devir desta nova geração.

“fundamental reciprocidad”

George Simmel, no seu texto “*Metrópole e a vida mental*” de 1903, esclarece que o seu objectivo é “*pôr em questão a produção e produtos da vida especificamente moderna em relação com a sua natureza interior, por assim, dizer, o corpo da cultura com a sua alma*”- um sentido de missão para a sua sociologia de modernidade, como refere David Frisby. Neste seu livro, considerado como uma interpretação canónica dos escritos de Simmel, Frisby relembra o que diz ser a única definição que este primeiro sociólogo da modernidade nos deixou dessa era: “*La esencia de la modernidad como tal es el psicologismo, la experiencia (das Erleben) e interpretación del mundo desde el punto de vista de las reacciones de nuestra vida interior y, de hecho, como un mundo interior, la disolución de los contenidos fijos en un elemento fluido del alma, del que se filtra todo lo esencial y cuyas formas son simples formas del movimiento*”(1)

Para Simmel a modernidade é uma experiência relacional e dialógica entre *o eu* e o mundo. Ou seja, é um a experiência individual perante a sociedade moderna e o modo como a nossa vida é moldada por ela. O *eu* é assim o elemento central do pensamento e teoria de Simmel, sendo assim o elemento essencial que é *o mundo exterior* fica reduzido a um “*flujo incessante y todos sus fugaces, fragmentários y contradictorios momentos quedan incorporados a nuestra vida interior*”. (Idem,p.93/94) Como se pode perceber e passar ao percepto – entender - essa realidade social fugaz e fragmentária? Parece uma questão gravemente contemporânea pela fragmentação e dispersão da cultura e do espaço antropológico de hoje, tão distante daquela realidade que Simmel julgava moderna.

Noutro escrito, Simmel propõe que a arte será *a resposta*, por ser reveladora, na sua dimensão poética e expressiva, dessa nossa capacidade de entender o que é *viver modernamente*. É um ensaio sobre Rodin onde diz que a arte moderna, longe de estilos ou tendências, é mostra da inteligência e sensibilidade poética pelos sentimentos que sabe expressar, sendo por isso fiel às impressões da realidade, e assim consegue estar para além da temporalidade. (Idem,p.95)

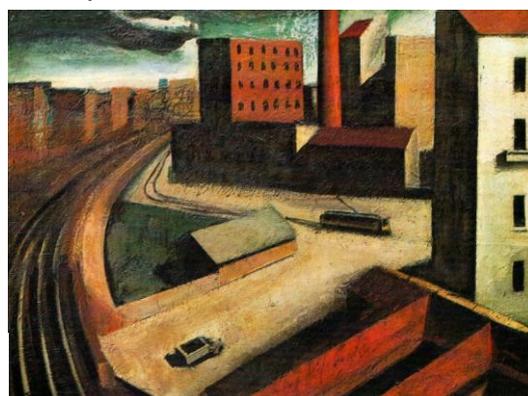
Este conceito do *sociólogo da modernidade*, que parte *do eu* para o entendimento das impressões de uma modernidade social e cultural, o mesmo *eu* que poderá expressar-se no devir da arte moderna como verdade intemporal, que longe de movimentos, é voz desse universo sensorial e emocional *do eu* e do seu estar no mundo – espelho da cultura e sociedade moderna. É uma perspectiva filosófica centrada no homem a compor uma visão de conjunto, entendimento a que Simmel chamou “*atitude do pensador*”, postura e relação do individuo com o exterior, ou de um *pensador moderno* com a totalidade do mundo moderno. (Idem, p104) Outro aspecto que poderá servir uma reflexão interessante relativamente ao individualismo de hoje, ou seja, a *atitude do pensador* é de pertença, de lugar no mundo, de *cidadania da modernidade*, e nunca gesto narcísico e fechado do individualismo contemporâneo.

Se a modernidade é essa realidade social em estado de fluxo incessante, a melhor leitura e compreensão dessa realidade será a interpretação das suas múltiplas relações. Este conceito de interação e de socialização são fundamentais para Simmel, sendo o que lhe mais interessa a relação entre os fenômenos: “*la sociedad constituye un labirinto social dentro del qual los individuos y los grupos se cruzan. Esa malla o rede de relaciones sociales es sintomática*”, ao que chamou “*la fundamental reciprocidad de los fenómenos más diversos*”. Cada elemento está emaranhado dentro de um “*marco de diversidad*”. “*(...)La liberación de las cosas respecto de su aislamiento individual se produce ora mediante la investigación de las relaciones reales entre los fenómenos sociales ora mediante la revelación de las posibles relaciones recurriendo a analogías*”. (Idem, p108)

Esta malha de interações e de interdependências do homem moderno significa que só é possível entender o lugar moderno na sua leitura e entendimento holístico, dentro do qual esses filamentos relacionais, que Simmel propõe, são entre *pessoas pensadoras* e todos os elementos organizacionais da sociedade, e assim razão da constante refiguração da cultura e do universo social. Essa medida de funcionamento é a modernidade, e é pelo entendimento do homem moderno como lugar central de todo esse *labirinto social* e *malha de relações*.



Paesaggio urbano Av. Fontes Pereira de Melo



Paesaggio urbano
Mario Sironi 1922

Este mundo relacional e dialógico, para vivermos essa *modernidade perene*, obriga ao aferimento constante do “*labirinto social*”. Nessa “*reciprocidade fundamental*”, ou balanço entre o indivíduo e o “*flujo incessante y todos sus fugaces, fragmentários y contradictorios momentos*” – é que existe o fundamento da constante refiguração deste conceito de modernidade intemporal. A dificuldade interpretativa está nesta dimensão refigurativa, tendo estes conceitos *simmelianos* que ser aferidos e julgados desde o indivíduo de hoje, que não terá a “*atitude do pensador*”, e ao tempo e complexidade do fluxo fragmentário da malha contemporânea, cuja dispersão nas suas relações (reais e reais/virtuais) e escala da sua malha é porventura incomensurável. No entanto é sempre possível aferir uma escala de relações a essa malha relacional, ou seja, procurar o entendimento desde uma escala mais próxima da existência real e real/virtual, para aferir esse entendimento a uma escala que tem influência directa no local urbano e vivido, e então tentar avaliar a “*fundamental reciprocidad*”. Para outro plano hermenêutico deixa-se a outra dimensão mais alargada de relações, que serão “*sintomáticas*” como disse Simmel, mas a uma macro escala, distante, e provavelmente impossível de avaliar na modernidade de hoje. Esta operação de escalas interpretativas poderá ser ensaiada objectivamente para um fragmento urbano específico, como será o caso do nosso fragmento de estudo, para uma “*investigación de las relaciones reales entre los fenómenos sociales ora mediante la revelación de las posibles relaciones recurriendo a analogías*”. mas nunca sem perder a dimensão holística da *malha* e a real escala de “*flujos incessantes y todos sus fugaces, fragmentários y contradictorios momentos*”.

A proposta de Simmel, de centrar no *homem* o entendimento ontológico de uma modernidade perene, tem a lucidez de perseguir o conhecimento de quem inventou e habita essa modernidade, e prova-se hoje tremendamente actual à luz que nos oferece Lipovetsky no seu texto dos finais dos anos 80, “*A Era do Vazio*”, onde indica estar a principiar a *era do Narciso*, de outros valores hedonistas do esplendor *do EU*, da busca e ensaio da realização pessoal que, e diz, “*talvez vá dominar o século seguinte*”. (Lipovetsky 88, p47)(2) Sobre os *fluxos fugazes e fragmentários*, visionário que era Simmel, jamais poderia prever o que a era cibernética que se vive e os efeitos que veio trazer à escala do seu conceito. Talvez só o equilíbrio das contradições desse *fluxo constante* se mantenha, desde o escrito de Simmel, e na proporção das grandes questões humanas, de resto, a intertextualidade do universo social é de uma complexidade impossível de aferir, numa fragmentação que põe em causa a matéria e o sentido das coisas, numa vaporização de áreas da sociedade que se tornam ausentes de corpo e frugais na sua existência. Não deve ser o conceito de Simmel que está errado, mas como dizia: “*Esa malla o rede de relaciones sociales es sintomática*”, ou por assim dizer, devem ser os limites e a tolerância dessa *malha* que estão a ser excedidos em tão grande excesso que são agora os sintomas da grave crise relacional da sociedade nesse entendimento moderno. Os fragmentos desta modernidade tornaram-se intangíveis, e o tempo da sua velocidade é tal que o *homem pensador* está sem tempo de acompanhar o seu desígnio moderno. Talvez esta crise seja de uma modernidade que se autonomizou do próprio homem moderno, tenha adquirido vida própria e a uma escala planetária, vivida por homens que tentam captar os fluxos cada vez mais fugazes, e perdidos dentro do seu próprio pensamento moderno – se for assim, *Tempo e escala*, são o âmago do sistema relacional para a *fundamental reciprocidad* do *pensador* de Simmel, *aos dias de hoje*.

Espaço social, Le sens des autres e Sobremodernidade

Simmel associa a figura do homem moderno ao cosmopolitismo, pensado como um estilo de vida valorizado por ser urbano. Mas antes deste paradigma, do espaço social urbano ser o centro da modernidade e por isso do homem, foram estudados outros ambientes e lugares onde a estrutura do espaço antropológico é relevante e significativa quanto à compreensão do sentido etimológico dos lugares e da cultura social dos homens.

Lévi-Strauss, em vários escritos e ao longo da sua obra, procura afirmar as estruturas espaciais enquanto garante da identidade dos homens e da sua cultura. Talvez um dos mais claros seja na sua obra “*Triste Tropiques*”(primeira edição de 1955), onde elabora uma análise sobre os feitos de grupos de missionários Salesianos junto do povo Bororo da Amazónia, que habituados a viver em aldeias de estrutura circular, forma que representava a sua estrutura social, funcional e simbólica, e que era assim símbolo da sua identidade colectiva:

“A distribuição circular das palhotas em torno da casa dos homens é de tal importância, no que diz respeito à vida social e à prática do culto, que os missionários Salesianos da Região do Rio das Graças (Amazónia) rapidamente descobriram que a maneira mais segura de converter os Bororo consistia em obrigá-los a abandonar a sua aldeia, trocando-a por outra, onde as casas eram dispostas em filas paralelas. Desorientados, relativamente aos pontos cardeais, privados da planta que fornece um argumento para o seu saber, os indígenas perdem rapidamente o sentido das tradições, como se os seus sistema social e religioso (...) fossem muito complicados para passarem sem o

esquema, tornado patente pela planta da aldeia e cujos contornos são perpetuamente refrescados pelos gestos quotidianos. “(Lévi-Strauss, 79, p.215)



Índios Bororo Amazônia – Brasil Séc XIX
Imagens arquivo Salesianos



Os missionários destruíram o “*espelho*”(3) que permitia aos índios olharem os seus rituais e cultura, como resultado de um violento processo de perda de identidade.

Nesses seus escritos, Lévi-Strauss oferece esta ideia recorrente que as memórias antropológicas e identitárias de um povo estão dependentes da estrutura do seu espaço físico, do lugar onde habitam, “*perpetuamente refrescados pelos gestos quotidianos*”, que é assim configurador da sua estrutura social e de uma identidade colectiva, no sentido que *configura* materialmente essa identidade.

Esta relação espaço/identidade é apresentada por Henri Lefebvre, onde releva o que chama “*Espaço social*”, ou o espaço como produto social: “(…)é quando o espaço social se deixa de confrontar com o espaço mental(definido pelos filósofos e matemáticos), com o espaço físico (definido pelo prático-sensível e pela percepção da natureza), que a sua especificidade se revela (Lefebvre, 1986, p36) Para Lefebvre, a produção de espaço significa a observação e consciência das práticas sociais que constituem esse espaço, longe de “*codificações ou descodificações*”, importa reconhecer e interpretar as práticas sociais como conteúdos inerentes às formas da cidade (idem . p26)

Mas esta leitura hermenêutica do espaço social nunca pode partir de correspondências diretas e simplistas, como muitos erros claros de urbanistas e Arquitectos, ou outros decisores das cidades, que organizam ou propõem espaços desde essas lógicas lineares e empobrecidas: faz-se um jardim e as pessoas virão, uma nova área de escritórios e as pessoas virão, ou todos os outros exemplos que sejam desconsiderar a consciência do tempo, dos usos e da complexidade de gerar espaços sociais: “*Um esquema simplista afasta-se desde já, o da correspondência termo a termo (pontual) entre os actos e os lugares sociais, entre as funções e as formas espaciais. Esse esquema ”estrutural”, porque é grosseiro, não deixou ainda de estar presente nas consciências e no saber. Gerar (produzir) um espaço social apropriado, no qual a sociedade geradora toma forma, apresentando-se e representando-se, embora esta não coincida com ele e o seu espaço seja tanto a sua cova como o seu berço, não se faz num dia. É um “processo”(Idem, p43)*



Paesaggio urbano An.Fontes Pereira de Melo



A cultura e urbanidade dos dias de hoje, na sua diversidade e polifonia de articulações, são um incomensurável desafio para a antropologia contemporânea. Hoje é usual estar num escritório, que pertence a um local onde existe uma identidade colectiva, a trabalhar para outro lugar em tempo real e simultâneo, num não-lugar *on-line*, realizando todo o seu trabalho noutra língua, de acordo com outros parâmetros legais, outras convenções, e por isso muito mais próximo desse outro lugar do que do lugar físico que ocupa. Os Ateliers de Arquitectura são disso bom exemplo: estão muitas vezes a realizar projectos para lugares e espaços antropológicos distantes, usando outra língua, legislação diversa e premissas funcionais e culturais muito diferentes do lugar físico desse atelier e da realidade cultural e antropológica dos seus Arquitectos. Como se vivêssemos num *jogo de espelhos*, mais ou menos entre realidade e a realidade espelhada, sendo neste jogo o espelho e o seu reflexo também parte do real, em repetições infinitas.

Marc Augé refere-se a esta nova *dialogia de sentidos* do mundo de hoje em *Non-Lieux*, usando pequenas fábulas do real tentando seduzir e alertar para a evidente complexidade de uma outra e nova realidade antropológica. Nessa conhecida obra, e em jeito de prefácio, fala-nos de uma hospedeira que informa os passageiros que enquanto o avião sobrevoar a Arábia Saudita, o consumo de álcool será proibido a bordo. Ou seja, a sobreposição de dois lugares: o *lugar antropológico* (um território que dá forma a uma identidade colectiva) e um *não-lugar* (um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer identidade). (Augé, 1992,p145) Este diálogo entre estas duas dimensões antropológicas da contemporaneidade são o seu grande desafio, segundo Augé, e são o cerne da sua investigação de uma nova realidade. Texto já com tantos anos que relembro aqui por ser o início dessa sua investigação, e assim aferir uma certa dimensão etimológica ao tema. No entanto, este tema, recuperado nos últimos tempos em tantos escritos, está já desactualizado: o *Non-Lieux*, hoje já não são estações, aviões ou outros *espaços perdidos*, como nós, com smartphones e auscultadores, isolados na realidade virtual de um *laptop*, pelo *Skype* ou num *chat*. Esse processo complexo de um novo lugar individual – jogo de reflexos de Narciso - de uma relação de isolamento que se reflecte a si mesma, enquanto compromete as outras relações dialógicas com o espaço tangível e o lugar físico que nos rodeia, transfigurou o *jogo de relações do espaço social* de Augé, amplificando o problema, e assim, a crescente dificuldade em compreender e resolver o lugar antropológico contemporâneo.

E mesmo nesta sua obra, de há vinte e três anos, Augé questiona a capacidade da Antropologia em observar e analisar a cultura e a sociedade actuais: “*A questão das condições de realização de uma Antropologia da contemporaneidade deve ser deslocada do método para o objecto*” (Augé, 2005, p374) E esse objecto será: “*Teremos de prestar atenção às mudanças que afectaram as grandes categorias através das quais os homens pensam a sua identidade e as suas relações recíprocas*” (Idem, p37)

A cidade contemporânea terá então que ser analisada como esse *novo objecto* da antropologia repensada; *objecto esse* que deve ser entendido como espelho da contemporaneidade e do sistema relacional *do pensador* de Simmel (*viajante da modernidade*), e *objecto esse* que deve ser repensado para que seja definidor da identidade e relações do “*Espaço social*”, ou do espaço como produto social, que deverá ser o (*bom*) *espelho* dessa nova *sobremodernidade*, como a define Augé em “*Le sens des autres*”, (Augé, 1994, 163). Nesta obra ensaia a complexidade deste conceito, que diz dependente de três figuras de excesso: excesso de tempo, de espaço e de individualismo. *Tempo em excesso* porque a história é hoje um acontecimento de rapidez, onde tudo se torna acontecimento, onde tudo *é* ou nada *é* acontecimento, e conseqüentemente tudo *é* ou já não será história. Organizar o

nosso mundo pela categoria e fenómeno temporal deixou de fazer sentido, até porque deixámos de viver um tempo linear na nossa existência não-linear, onde coexistem vários tempos em múltiplas tarefas e planos do nosso dia-a-dia. Mas continuando com Augé, a segunda figura, a do *excesso de espaço*: porque o movimento e mobilidade de tudo (bens, serviços, imagens, ideias) implica estarmos envolvidos em muito do que se passa nos pontos mais distantes do nosso mundo, e *nosso* porque temos cada vez mais noção da sua globalidade, ou seja, paradoxalmente, esse *excesso de espaço* tornou o espaço planetário muito mais reduzido pelo aumento de noção *do todo* e de uma aparente proximidade a esse todo.

Por outro lado, a essa enorme teia de excesso de espaço, corresponde uma diluição de referências colectivas de grupo, e assim surge o terceiro excesso - o *individualismo*, que se tornou paradigma, porque a monstruosidade do actual mediatismo contribui para o enfraquecimento das referências colectivas e provoca uma individualização de procedimentos, organizados pelas falsas singularidades do *mainstream* – *tenho um smartphone igual a milhões, mas o meu tem uma capa personalizada, e uma aplicação que poucos se lembraram de instalar, o meu blogue é único, o meu Instagram singular, os posts no meu Facebook, inéditos* - a “era do Narciso” de Lipovetsy, como atrás referi.(4)

Este *excesso de espaço* é o maior e mais complexo conceito da *sobremodernidade*, e o maior desafio para o entendimento e refiguração do novo espaço antropológico. Essa definição, de um lugar antropológico, está associada à cultura localizada no espaço e no tempo, ilusão que Augé relativiza: “*A organização do espaço e a constituição de lugares são, no interior de um mesmo grupo social, uma das paradas em jogo e uma das modalidades das práticas colectivas e individuais. As colectividades (ou os que as dirigem), como os indivíduos a elas ligados, têm necessidade de pensar simultaneamente a identidade e a relação, e, para o fazerem, de simbolizar os elementos constituintes da identidade partilhada (pelo conjunto de um grupo), da identidade particular (e tal grupo ou indivíduo por referência aos outros) e da identidade singular (do indivíduo ou do grupo de indivíduos na medida em que são semelhantes a nenhum outro). O tratamento do espaço é um dos meios deste empreendimento*” (o *bold* desta última frase é meu, o texto de Augé, 2005,p46)



Paesaggio urbano
Mario Sironi 1920



Paesaggio urbano - Ar.Fontes Pereira de Melo

Ou seja, o espaço urbano continua *a ser* e a impor-se como figura ou morfologia reveladora dos mecanismos identitários, o que torna fundamental a refiguração do sentido de lugar à luz dos seus valores contemporâneos, e assim repensar a figura e o sentido da composição urbana. Este *espaço identitário* é hoje *para além de*, ou seja, integra a polifonia do exterior e a sua meada de relações, que só um entendimento dos seus elementos constituintes pode servir para uma elaboração de um

sentido identitário que seja revisto pelo espaço da cidade, aberta às interações que estabelecerá sempre com outros espaços, outras escalas, outras realidades. Esta indefinição de uma etnologia do “aqui”, será sempre a indefinição da fronteira identitária do novo espaço antropológico, sendo certa a essencialidade da figura edificada do espaço para que persista o tal “*empreendimento das modalidades de práticas sociais e colectivas*”, e assim, apesar de mudança de escala, de renovados parâmetros, de nuances dialógicas, da refiguração de fronteiras físicas e digitais, o espaço da cidade continuará a ser a matriz do lugar antropológico contemporâneo.

A bela tristeza das paisagens urbanas de Mário Sironi, (quadros que repetia com o mesmo título) pareciam não deixar escapar essa ideia de uma fragmentação inevitável do lugar urbano da modernidade. Premonitórias talvez, do destino da *sobremodernidade*, onde, à ausência desses valores patrimoniais e de sentido das cidades - *valores espelho* de Choay- crescem-se estradas despidas de vida, os edifícios fabris e os carros do futuro num sentido de solidão, como um aviso para o individualismo que Augé tão bem descreve. E raramente se vêem pessoas. Claro que as cidades iriam ter sempre pessoas, mas Sironi esquece-as como se pintasse a sua invisibilidade nas prioridades da cidade moderna.

E quem articula esta cidade *sobremoderna* é o “*viajante*”, de Augé, e já não o *passante* de Baudelaire e Benjamin, articulando as relações entre espaço clássico e espaço moderno, e por entre todos formula o novo sentido da cidade, como um *produtor de sentido*. E com esperança que, nesse *processo* de geração de um espaço social apropriado, saiba projectar uma nova configuração espacial que possa ser a *cidade com qualidades* da *sobremodernidade*.

Homem sem qualidades



A Musa Metafísica
Carlo Carrà 1917
Os objectos falam por ela



Il Viaggiatore Mario Sironi 1924
Vagueia pela cidade com
a qual já não comunica

O *Viajante* é, como Simmel dizia, o que passa por entre tempo histórico e memórias, responsável e autor do devir desse sonho moderno; aquele que tudo relaciona e para quem tudo faz sentido desde esse conceito de mobilidade - sinónimo e apanágio do mundo moderno. Para Mário Sironi, e desde a herança do culto ao movimento do *Futurismi*, essa figura que pinta em 1924 – *Il Viaggiatore* - é já a de um viajante à procura de sentido pelas periferias ocas da cidade moderna e perdida, com a qual já não consegue comunicar. Este silêncio triste e sozinho das urbanidades de Sironi, sugere outra vez essa perda de sentido e as desvirtudes da cidade modernista que partiu o

espelho de referências da cidade tradicional sem saber conferir sentido ao novo espaço urbano e social. E este quadro é real testemunho, lembrando Simmel, sobre a certeza desse retrato fiel da arte enquanto “resposta por ser reveladora dessa nossa capacidade de entender o que é *viver modernamente* (...), longe de estilos, mostra de inteligência e sensibilidade poética, e sentimentos que sabe expressar, sendo por isso fiel às impressões da realidade, e assim pode estar para além da temporalidade.” (p.3 deste ensaio)

Outro desses testemunhos *poeticamente reais* foi a *pintura Metafísica*, que aparecia em Itália alguns anos antes, antecipando essa encantada desilusão de figuras menos humanas, sem rosto, e moldadas, na sua existência, pela atmosfera desumana da cidade. Uma tristeza latente nestas pinturas de Carlo Carrá (5), ou de Giorgio de Chirico, a oferecerem uma ideia de destino descaracterizado e menos humanizado por entre lugares e referências históricas que deixam o viajante perdido e *sem face* perante o mundo do seu tempo.

A encantada desilusão de um homem sem rosto mas disponível para o espaço que o rodeia, e este viajante que insiste no movimento e na disponibilidade, como desígnios da modernidade e na procura de um sentido e de uma relação com o seu espaço social, são duas metáforas e duas referências conceptuais que muito me interessam para este ensaio.

É no entanto claro que esta relação espaço/identidade de Lefebvre, já citada, a que chama “Espaço social”- o espaço como produto social, está profundamente alterada. E lembro: “(...)é quando o espaço social se deixa de confrontar com o espaço mental(definido pelos filósofos e matemáticos), com o espaço físico (definido pelo prático-sensível e pela percepção da natureza), que a sua especificidade se revela (Lefebvre, 1986, p36)

Este seu escrito de 74 não podia antecipar o que chamamos *realidade virtual*, e à promiscuidade entre espaço social e alguma escala do espaço mental. O *espaço mental* a que se referia era esse da abstracção de conceitos, de matemáticos ou filósofos. Mas, contemporaneamente, esse *espaço mental*, não é de clara destrição em relação ao *espaço social* porque, aos dias de hoje existe uma vida virtual em cada habitante desse espaço social com impacte claro na sua vida e existência social. Por isso a leitura do *Espaço Social* contemporâneo e a revelação das suas especificidades – com a sua trama polifónica – será muito mais difícil de se revelar. A *produção de espaço*, que para Lefebvre significa a observação e consciência das práticas sociais que constituem esse espaço, longe de “*codificações ou descodificações*”, é feita do reconhecimento dessa multiplicidade de práticas sociais (longe de paradigmas e codificações) e que podem ser conteúdos vivos para o processo de *Gerar um espaço social apropriado* e assim refigurar a urbanidade das nossas cidades. (p. 5 deste ensaio)

Voltando a Simmel e à “*fundamental reciprocidad*”, a essa hábil e dialógica inteligência do homem moderno que empaticamente se relaciona com o seu mundo, só uma “*investigación de las relaciones reales entre los fenómenos sociales ora mediante la revelación de las posibles relaciones recurriendo a analogias*” pode compor uma imagem realista e mais clara de um fragmento de cidade que se pode analisar. Essa *reciprocidade* só é qualificável se for interpretada pelas *relações reais e fenómenos sociais perceptíveis*. Sendo assim, o que Simmel oferece é a ideia de escala na interpretação, que em pequena escala e dimensão contida de um estudo se conseguirá, pelas *relações reais*, entender e interpretar, deixando a macro escala para entendimentos holísticos, que hoje serão tão complexos que o seu entendimento será sempre incompleto, por muito importante que possa ser.

Assim sendo, a análise de um fragmento de cidade, na procura do realismo e validade da sua interpretação é talvez a maneira acertada de pensar o espaço antropológico e o melhor caminho para avaliar o problema e para ensaiar a resposta de um projecto que procure o *redesenho vivo* de um fragmento urbano, e que reconfigure esse espaço humanizado do *homem pensador* que o habita. O pensamento da cidade em grande escala reduz-se à perda de sentido pela consequente relativização e perceptibilidade difusa dos problemas. “*A questão das condições de realização de uma Antropologia da contemporaneidade deve ser deslocada do método para o objecto*” (Augé, 2005, p374) E esse objecto será: “*Teremos de prestar atenção às mudanças que afectaram as grandes categorias através das quais os homens pensam a sua identidade e as suas relações recíprocas*” (p 6 deste ensaio). Essas mudanças das *grandes categorias* que são o espelho da nossa identidade, e o facto das cidades tradicionais estarem morfologicamente organizadas de acordo com algumas dessas categorias, estará associado à perda de sentido de fragmentos dessas cidades e a uma perda substancial da sua lógica e inteligência enquanto espaço social e antropológicamente válido.

Nesta sua obra, Augé questiona a capacidade da Antropologia em observar e analisar a cultura e a sociedade actuais, e assim o urbanismo e a arquitectura em elaborarem um pensamento distinto e uma resposta conceptual e projectual a este desafio estruturante:

“A organização do espaço e a constituição de lugares são, no interior de um mesmo grupo social, uma das paradas em jogo e uma das modalidades das práticas colectivas e individuais. As colectividades (ou os que as dirigem), como os indivíduos a elas ligados, têm necessidade de pensar simultaneamente a identidade e a relação, e, para o fazerem, de simbolizar os elementos constituintes da identidade partilhada (pelo conjunto de um grupo), da identidade particular (e tal grupo ou indivíduo por referência aos outros) e da identidade singular (do indivíduo ou do grupo de indivíduos

na medida em que são semelhantes a nenhum outro). O tratamento do espaço é um dos meios deste empreendimento”.

A leitura interpretativa de um fragmento urbano permitirá a gestão das *práticas colectivas e individuais* sendo perceptíveis e qualificáveis a esta escala interpretativa do fragmento urbano, perdendo sentido e profundidade na grande escala, pela perda de significado das “grandes categorias”, e descaracterizando-se na micro escala do edifício ou pequena parcela, mais redutor ainda pela dimensão do individualismo na cidade contemporânea.

“*O tratamento do Espaço*”, é do empenho e do dever do Arquitecto, e só longe do orgulho do seu traço, e só depois de um longo entendimento desta meada de um espaço antropológico que se quer refigurar para os nossos dias, pode ensaiar esse projecto, dar forma e *Gerar (produzir) um espaço social apropriado, no qual a sociedade geradora toma forma*, nesse longo “*processo*” como dizia Lefebvre, para a reconfiguração do espaço urbano, lugar do devir do *viajante da sobremodernidade*.

Esse viajante, hoje, é um personagem das telas de Sironi – um *Homem sem qualidades* - metáfora que nos liga ao início deste escrito, o romance de Musil. Ulrich é o anti-herói do romance, homem amarrado á pequena segurança das funcionalidades da sua vida e do seu quotidiano, com ideias de ser quase tudo; ensaiou várias possibilidades, tendências, estilos, hipóteses, ao longo de uma história de ramificações inesgotáveis, num romance dialógico e múltiplice, como lhe chamou

Italo Calvino (6). No entanto permaneceu por entre essas múltiplas vontades, e sem nunca conseguir *ser nada*, sem uma única qualidade, permaneceu ao longo do romance da sua vida oca com a sua infalível e sistemática funcionalidade.

Quero imaginar a *Musa metafísica* de Carrá, com o seu rosto ausente, como personagem funcional mas sem rosto, ausente de carácter, e apenas disponível para o que o mundo lhe oferece. Ou o *viajante* perdido, sem rosto e de corpo geométrico, das cidades mudas de Sironi, à procura de qualidades nesse labirinto social sem a “*fundamental reciprocidade*”. Qualquer um deles é boa metáfora para o viajante da sobremodernidade, *homem sem qualidades*, disponível para muito, mas sem ideologia, sem convicções, concentrado no seu individualismo, e talvez por isso, cada vez mais indiferente e menos disponível para o lugar físico onde vive, e assim cada vez mais distante dessa cidade por onde vive e já pouco habita.

Na cidade destes homens, de rosto oculto e vidas geométricas, tudo funciona: traços no chão organizam, semáforos regulam, muros fecham e ocultam, portas hierarquizam, luzes iluminam, mensagens escritas indicam e as imagens seduzem – um mundo cada vez mais funcional e cada vez com menos qualidades, existindo mesmo fragmentos desse mundo como a vida do anti-herói de Musil, apenas funcionais e sem terem já qualquer qualidade – o caso do eixo da Avenida Fontes Pereira de Melo – *a cidade sem qualidades*.

P.S: Os homens sem rosto de Sironi não param de procurar, vagueando pelas pinturas a perscrutar essa relação com o mundo. Talvez essa busca seja a representação desse “elemento fluido del alma”, elemento vital do viajante da modernidade de Simmel. E que essa alma de viajante se recupere, e com isso as qualidades dos homens e das cidades

Lisboa. Novembro de 2014

Ricardo Zúquete, Phd.
Professor Associado
Universidade Lusíada de Lisboa

Nota: texto escrito de acordo com a antiga ortografia

NOTAS

- 1> Simmel, Georg, “Die Kunst Rodins und das Bewegungsmotiv in der Plastik” Nord und Süd, vol.129, 1909, II, pp.189-96 8 - <http://socio.ch/sim/verschiedenes/1909/rodin.htm>
- 2> Gilles Lipovetsky nesta sua obra, que é surpreendentemente profética, enuncia o destino desta *sobremodernidade*, como Augé configuraria na sua obra, só que fê-lo em 1988, ainda quatro anos antes, e com uma dureza e acutilância tremendas. Lembro-me de fazer uma primeira leitura em 94 e comentar com um grupo de outros doutorandos da Escola de Barcelona, e todos termos a ideia do excesso e do fatalismo para um devir despido de valores comuns e de sentido, disperso num mundo meio oco, povoado por espelhos de nós próprios (muito antes da internet). Estávamos enganados e Lipovetsky estava certo.
- 3> “O património arquitectónico e urbano figurado por um labirinto que dissimula a superfície cativante de um espelho acompanhado pelos comportamentos conservadores que o rodeiam, pode ser decifrado como uma alegoria do homem na alvorada do século XX.”
Françoise Choay – in “A Alegoria do Património”, p.225
- 4> “*The Narcissism epidemic*” alerta para uma epidemia subtil, mas que está a ter um impacto enorme na formação e postura dos *Globalists*. A perda de valores sociais e institucionais levaram a que a geração X tivesse um sensível problema de autoestima, que parecia a única solução para ultrapassar essa perda de valores. Essa geração oferece essa ideia aos seus descendentes e educados com uma hipervalorização da autoestima. Segundo estes investigadores, o que é fundamental para a segurança e consolidação de um ser humano, a autoestima, em excesso transforma-se num transtorno Obsessivo compulsivo – o Narcisismo. A geração mais fotografada e filmada, mais protegida e sobrevalorizada, a quem se passou a mensagem: “*your great*”, “*your the best*”, na absoluta irresponsabilidade que se não forem, nem os melhores nem muito bons, são perdedores, e não fazem parte do grupo da sua geração.
Twenge, Jean M., Campbell, W. Keith, “*The Narcissism Epidemic – Living the Age of Entitlement*”, Simon&Schuster, New York 2009 ISBN – 13:978-1-4165-7598-6
- 5> *Carlo Carrá* (Itália 1881/1966) foi pintor com escola junto do movimento italiano *Futurismi*, cujo manifesto está na origem do termo e conceito “*Fascismo*”. A razão da escolha de algumas das suas obras dizem apenas respeito à sua pertinência artística e conceptual para este texto, e em nada me revejo nas suas abomináveis ideologias ou atitudes políticas.
- 6> *Italo Calvino*, refere-se nestes termos à obra de Musil no seu notável livro, “*Seis propostas para o próximo milénio*”, precisamente no capítulo “*multiplicidade*” - Editorial Teorema, Lisboa 1990 ISBN 972-695-176-5

BIBLIOGRAFIA

- Augé, Marc*, « Le sens des autres », Paris 1994, Editions Fayard ISBN 9782213591827
- Augé, Marc*, « Não Lugares : Introdução a uma antropologia da sobremodernidade», Lisboa 2005, 90 Graus (1ª edição de 1992) ISBN 9788530802912
- Bachelard, Gaston*, “La poétique de l’espace”, Paris 1989, Édition Quadrige ISBN 9-782130-423317

Frisby, David, “Fragmentos de la Modernidad”, Visor Distribuciones, S.A Madrid, 1992
ISBN 84-7774-551-X

Lefebvre, Henri, “La production de l’espace”, Paris 1986, Anthropos ISBN n/d

Lévi-Strauss, Claude, “Tristes Trópicos”, Lisboa 1979, Edições 70 ISBN n/d

Lipovetsky, Gilles, “A Era do Vazio – ensaios sobre o individualismo contemporâneo”, Relógio de Água Editores, Lisboa 1988 ISBN n/d

ILUSTRAÇÕES

Fotografias de *Ricardo Zúquete*

Fotografias de Índios Bororo - arquivo Salesianos

Pinturas de Mário Sironi: in “*Sironi 1885-1961*” -*Proposte Mazzotta mostre*- edited Mario Sironi,1985

Pintura de Carlo Carrá: in “*The Danteum*”, Schumacher, Thomas L., Princeton Architectural Press, NY 1993

COM O APOIO:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto “[UID/AUR/04026/2013](#)”

CITAD

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
TERRITÓRIO, ARQUITECTURA E DESIGN
UNIVERSIDADE LUSÍADA

